

**ONDAS DO ANTICOMUNISMO CATÓLICO BRASILEIRO: UM
FENOMENO DO SÉCULO XX?****WAVES OF BRAZILIAN CATHOLIC ANTICOMMUNISM: A 20TH CENTURY
PHENOMENON?**

Resumo: Este artigo se propõe a realizar uma breve revisão historiográfica e refletir acerca das origens do anticomunismo católico no Brasil. A partir da metodologia da História por meio da imprensa, será apresentado um estudo sobre o periódico católico O Apóstolo, o principal porta-voz do anticomunismo católico no século XIX. Dessa forma, o presente trabalho busca questionar os marcos temporais estabelecidos pela historiografia e propor uma maior temporalidade para a compreensão do fenômeno em solo brasileiro.

Palavras-chave: Anticomunismo; Igreja Católica; Ultramontanismo.

Abstract: This article proposes to carry out a brief historiographical review and reflect on the origins of Catholic anti-communism in Brazil. Based on the methodology of History through the press, a study will be presented on the Catholic periodical The Apostle, the main spokesperson for Catholic anti-communism in the 19th century. Thus, the present work seeks to question the temporal frameworks established by historiography and to propose a greater temporality for the understanding of the phenomenon on Brazilian soil.

Keywords: Anticommunis; Catholic Church. Ultramontanism.

**João Vitor de Armas
Teixeira**

Graduado em História
pela Universidade Federal de
Pelotas (UFPEL)
joaoarmas1998@gmail.com

Introdução

É consolidada na historiografia a concepção de que o anticomunismo surgiu, ao menos no Brasil, no século XX e, especificamente, após a Revolução Russa de 1917. Teriam havido, segundo Motta (2002), duas grandes ondas anticomunistas no país: uma durante a década de 1930, sobretudo após 1935 e outra nos anos 1960, inserida no processo do Golpe de 1964. Contudo, partimos da hipótese de que o fenômeno precede tais balizas temporais, sendo possível identificar, na imprensa católica brasileira, a construção de um imaginário de rechaço ao comunismo desde o século XIX. O presente texto faz parte de uma pesquisa de maior fôlego,

Este artigo se propõe a realizar uma breve revisão historiográfica, priorizando os trabalhos considerados clássicos da historiografia sobre o anticomunismo católico como Motta (2002), Silva (2001) e Rodeghero (2002) e dissertações e teses recentes que versam sobre o anticomunismo católico. O intuito é refletir sobre os marcos temporais estabelecidos pelos autores, seus recortes temporais e avaliar as formas de abordagem sobre o tema. Por outro lado, visa, a partir da História por meio da imprensa, trazer para o debate a reverberação da temática do anticomunismo no jornal católico *O Apóstolo*.

Nesse sentido, este trabalho estará dividido em três partes, na primeira abordará o período do entre guerras, refletindo sobre pesquisas que versaram sobre o anticomunismo católico nessas balizas. Na segunda parte, avançará temporalmente, abordando recortes temporais dentro do cenário da Guerra Fria e, na terceira parte, apresentará ao leitor, em um recorte de 19 anos, as principais menções ao comunismo na imprensa católica de *O Apóstolo* entre 1870 e 1889.

2 Os anos vermelhos entre-guerras

Rodrigo Patto de Sá Motta (2002) é uma referência incontornável dos estudos sobre o anticomunismo no Brasil, sua tese “Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)”. Sua abordagem sobre as matrizes do anticomunismo são fundamentais para a reflexão sobre a amplitude do conceito, pois considera mais adequado utilizar o termo “anticomunismos”, no plural. Devido à falta de coesão política, ideológica, doutrinária e programática dos anticomunistas impele o historiador a traçar uma genealogia e problematizar: qual é o anticomunismo de determinado grupo?

Motta (2002), traça um panorama a respeito do papel do anticomunismo na história brasileira, considera que há “uma sólida tradição anticomunista” (Motta, 2002), e que sua presença dependeu da conjuntura política e da correlação de forças. Contudo, quando das fases de “anticomunismo agudo”, os períodos de 1935 a 1937, de 1946 a 1950 e a “crise de 1964, estão relacionadas a momentos nevrálgicos da história do país. Ou seja, cumpriu papel ideológico fundamental em conjunturas de ruptura institucional em nome da ordem, sendo uma de suas forças motrizes.

O autor afirma que o anticomunismo no Brasil surgiu após a Revolução de 1917, um eco da tomada do poder pelos bolcheviques. Também situa uma correlação entre as conjunturas e alianças internacionais das elites brasileiras aos períodos de combate ao comunismo. Havendo a importação da “argumentação anticomunista” (Motta, 2002) que era baseada em obras que circulavam na Europa.

As matrizes do anticomunismo, para o autor, seriam o cristianismo (catolicismo), o nacionalismo e o liberalismo, cada uma com suas particularidades e com diferentes níveis de inserção na política brasileira. Grosso modo, o catolicismo e o nacionalismo ganharam mais capilaridade contra o liberalismo pois, segundo o autor, no país não havia grande receptividade. Por outro lado, o catolicismo e o nacionalismo dialogavam com as tendências religiosas e nacionalistas que poderiam ser personificadas no movimento Integralista, por exemplo.

Tratando-se do debate que nos propomos a realizar aqui, o autor situa o anticomunismo no Brasil após a Revolução Russa, sobretudo a partir da imprensa. Porém, considera que a “Intentona Comunista” de 1935 “deu origem não somente à construção de um imaginário, mas ao estabelecimento de uma celebração anticomunista ritualizada e sistemática” (Motta, 2002).

Motta (2002), ao realizar o exame da matriz anticomunista católica diz-nos que “a Igreja católica se constituiu, provavelmente, na instituição não-estatal (...) mais empenhada no combate aos comunistas ao longo do século XX”. Segundo o autor, para os católicos, “o comunismo seria apenas um inimigo recente” “o último desdobramento das transformações da modernidade” (Motta, 2002). Porém, menciona a reação católica à Revolução Francesa de 1789 e seu esforço contra a modernidade, situando na segunda metade do século XIX os temores da Igreja, considera que a *Quod Apostolici Muneris*, de Leão XIII foi a “primeira encíclica a condenar os revolucionários” (Motta, 2002), algumas linhas depois menciona a já clássica *Rerum Novarum*. Contudo, para o autor, o anticomunismo católico adquire novas proporções a

partir da década de 1930, ganhando novos desdobramentos nos anos 1960, sendo os “dois períodos de mais forte manifestação anticomunista” (Motta, 2002) por parte dos católicos.

Faustino Teatino Cavalcante Neto (2013) abordou o imaginário anticomunista na Paraíba entre os anos de 1917 e 1937, seu trabalho possui o trunfo de analisar as especificidades regionais do fenômeno. Entretanto, assenta sua definição de anticomunismo está baseada em uma noção que considera ser a Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, o momento de um salto qualitativo, quando o “comunismo adquiriu concretude histórica” (Neto, 2013) e, portanto, tornou-se uma ameaça real e não mais uma oposição excêntrica de aventureiros.

Entretanto, o autor considera que a tradição anticomunista católica brasileira está ligada à segunda metade do século XIX e não um fenômeno próprio da “Era dos Extremos” (HOBSBAWM, 1998). O autor concorda com a hipótese de uma temporalidade mais ampla, “somos de acordo que os anticomunismos percorrem um longo tempo na história brasileira, sendo uma tradição política que encontra sua fundamentação” (Neto, 2013) no período anterior a 1917. E vai adiante, afirmando “a existência de tendências políticas anticomunistas já na segunda metade do século XIX, onde escritos de alguns intelectuais apresentaram-se no sentido de interpretarem o socialismo como algo negativo a ser combatido” (Neto, 2013).

O autor compreende que o anticomunismo é um fenômeno complexo e multifacetado, e que suas características estão intimamente ligadas às suas matrizes. Ao analisar a matriz católica e sua reação ao pensamento revolucionário comunista, Neto (2013) situa sua origem nas tendências ultramontanas e na luta contra a modernidade empreendida pela Igreja durante a segunda metade do século XIX. Dessa forma, o autor cita as Cartas Encíclicas de Pio IX e as menções de Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista ainda da primeira metade dos oitocentos e desenvolve um breve raciocínio a respeito dos desenvolvimentos da luta clerical contra a modernidade na segunda metade do século, ressaltando o Concílio Vaticano I de 1870 e o papado de Leão XIII. Neto (2013), portanto, fundamenta, ainda que não desenvolva, a perspectiva de uma tendência anticomunista de longa duração, que não está na margem, mas no cerne da cultura política brasileira.

Carla Luciana Silva (2001), autora que aborda o recorte temporal entre 1931 e 1934 e cujo maior mérito de sua obra é analisar a construção do imaginário anticomunista em diferentes espaços e grupos sociais. Considera ser mais frutífero analisar o que os anticomunistas entendem por comunismo e, nesse sentido, traça o perfil dos “anticomunismos” católico, integralista, liberal, “independentes”, governista. Bem como o anticomunismo no ambiente

escolar, nas ruas, nos lares e nas igrejas. As balizas temporais de seu “Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)”, são imediatamente anteriores à “Intentona” e, nesse sentido, demonstra que tal imaginário está enraizado no contexto brasileiro em diferentes dimensões.

A autora compreende que o imaginário anticomunista católico no Brasil é formado após a Revolução de Outubro e, sobretudo, na década de 1930. Embora mencione brevemente questões esparsas a respeito do século XIX, não dá ênfase ao período e, sobre o anticomunismo católico, centra sua análise nos anos 1930. A intensificação desse imaginário se dá na esteira dos esforços da Igreja após a sua separação com o Estado e a emergência da questão social, sendo os anos 1930 o ponto alto desse processo de disputa pelo operariado. Nesse sentido, não está no cerne de sua preocupação as matrizes do anticomunismo católico, mas sua formação e ação dentro do período estabelecido em seu estudo.

A dissertação de Marco Antônio Machado Lima Pereira (2010), “Guardai-vos dos falsos profetas’: matrizes do discurso anticomunista católico (1935-1937), analisa qualitativamente produções intelectuais católicas no periódico “O Santuário” e na revista “A Ordem”. Pereira (2010), apoia-se metodologicamente na teoria da psicologia social e, a partir do autor Moscovici (2003) busca compreender discurso anticomunista católico a partir da produção dos intelectuais, o papel dos jornais na profusão das ideias e na apropriação das representações anticomunistas.

Segundo o autor, o anticomunismo católico surgiu no Brasil de maneira pronunciada na década de 1930, embora identifique que ao longo do século XIX a Igreja Católica tenha se empenhado no combate às ideias subversivas, não indica que tenham havido reverberações em solo brasileiro. A postura de ojeriza e combate ao comunismo ao longo dos novecentos, está inserida em um movimento maior, que está vinculado com a separação Estado-Igreja quando do surgimento da República. Pereira (2010), compreende que houve uma disputa pela sociedade, sobretudo pelo operariado e a Igreja buscava inserir-se novamente na vida civil e ser um elemento central. Nesse sentido, o anticomunismo católico brasileiro é mais conjuntural, sendo um elemento acionado em períodos de tensão e disputa.

3 Anticomunismo católico e Guerra Fria

Carla Simone Rodeghero, em sua tese de 2002, “Memórias e Avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964”, é uma das grandes pesquisas sobre o tema. Segundo a autora, “o anticomunismo esteve relacionado com a ‘descoberta’, pela Igreja, da questão operária no Brasil” (Rodeghero, 2002) e que isso seria demonstrado pelas encíclicas *Rerum Novarum* de 1891 e a *Quadragesimo Anno* de 1931. Já, na década de 1960, “o propósito de combater o comunismo também se manifestou na atuação da Igreja no processo de sindicalização dos trabalhadores rurais” (Rodeghero, 2002).

Sua análise centra-se no período da Guerra Fria, não há uma grande preocupação a respeito das matrizes do anticomunismo, sobretudo o católico. A autora estabelece um diálogo entre o anticomunismo brasileiro e o estadunidense e isso explica-se pelo fato de o fenômeno ganhar novos contornos no pós-guerra. O impacto da vitória soviética na Segunda Guerra, a ascensão eleitoral do PCB após a sua legalização e a penetração cultural dos comunistas no Brasil, formaram uma conjuntura qualitativamente diferente. Se, nas décadas anteriores, havia a importação de ideias e propagandas anticomunistas, entre 1945 e 1964 houve a relação entre, principalmente, as agências de inteligência dos Estados Unidos e os movimentos anticomunistas em terras brasileiras. Isso também diz respeito ao anticomunismo católico, como, por exemplo, a Cruzada Brasileira Anticomunista, que possuía relações diretas com o exterior e militares brasileiros.

Segundo Angélica de Brito (2015), o anticomunismo brasileiro remete-se ao período posterior à Revolução Russa, desenvolvendo-se ao longo do século XX, cumprindo papel fundamental sobretudo na década de 1930 e 1960. Se, por um lado a autora reconhece que desde o papado de Pio IX a Igreja Católica preocupa-se com ideias subversivas, por outro situa na *Rerum Novarum* uma mudança qualitativa por parte de Roma no trato com a doutrina social.

Desse modo, compreende que o anticomunismo católico se desenvolve, no Brasil, na esteira da Primeira República, isto é, em seu esforço de retomar sua centralidade e disputar a sociedade civil. Para atingir esse objetivo, a Igreja promoveu a formação de diversas entidades leigas, como os Círculos Operários, em um esforço de barrar a influência das ideias de esquerda, principalmente nos sindicatos na primeira metade do século XX. Nesse sentido, a autora compreende que o anticomunismo católico é um fenômeno recente, que encontra no passado

sua fundamentação, porém, no nível doutrinário da Igreja e não como uma ação presente no imaginário católico de maior duração.

4 O anticomunismo católico de *O Apóstolo* (1870-1889)

“O Apóstolo: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade” foi um jornal católico, sediado na cidade do Rio de Janeiro que circulou entre os anos de 1866 e 1893. Foi impresso pela tipografia Nicolau Lobo Vianna e Filhos (1866-1893) na rua da Ajuda, número 79 e, a partir de 1867, contou com tipografia própria, a Tipografia do Apóstolo, sediada na Ladeira do Seminário, número 6 A e, a partir de 1870, na rua do Ouvidor, números 16 e 18. Foi semanário até o ano de 1871, entre 1874 e 1876, diário e, a partir do ano de 1877, foi publicado às quartas, sextas e domingos e teve circulação nacional durante todo esse período. Pinheiro (2009) defende a hipótese de que a gazeta foi fundada por padres, ou, “quase certamente padres”, pois isso é “mera suposição”, afinal uma das características da folha ultramontana era o anonimato.

Silva e Carvalho (2018) consideram que o meio de financiamento de O Apóstolo era por meio de assinaturas, uma característica da imprensa do período. Porém, consultando a fonte, foi possível identificar que, a partir do ano de 1872, o jornal passou a inserir uma seção dedicada a anúncios, geralmente na última página das suas edições, onde era possível achar livros a venda e a oferta de serviços de impressão. Dessa forma, é possível considerar que as assinaturas e os anúncios mantinham o jornal de pé. Essas são as “condições de produção” (Bardin, 2011) da fonte, por outro lado, é preciso explorar a função social e o público-alvo do periódico (Luca, 2008). Bem como as suas ideias, sua posição social e sua orientação doutrinária e ideológica (Zicman, 1985). Em suma, perceber como o jornal situava-se no “jogo de interesses” (Lapiente, 2015).

Primeiramente, é preciso levar em consideração que O Apóstolo era um jornal de orientação doutrinária ultramontana, isso quer dizer, que se caracterizava

por uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiais, ao regalismo dos Estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumir nos seguintes pontos: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da

Companhia de Jesus (1814); a definição dos “perigos” que assolavam a Igreja (galicanismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica Quanta Cura e do “Silabo dos Erros”, anexo à mesma, publicados em 1864 (SANTIROCCHI, 2010, p. 24).

O periódico foi "um dos maiores porta-vozes da política de romanização e do pensamento ultramontano no Brasil" (Limeira, 2011). Sendo para Pinheiro (2009) o mais importante jornal católico dos oitocentos e, segundo Silva e Carvalho (2018) “nenhum [jornal] expressou de forma mais fiel o conservadorismo católico ultramontano da segunda metade do século XIX”. Nesse sentido, é pertinente compreender como a tendência ultramontana chegou ao episcopado brasileira e de que forma se tornou hegemônica.

A ascensão dos ultramontanos se deu ainda nos anos 1840, quando o país vivia reverberações de revoltas de inspirações liberais e republicanas. Mollier (2016), ressalta que a presença de franceses na primeira metade do século impulsionou um comércio livreiro que incluía obras de Saint Simon e Fourier em Pernambuco. Um dos grandes exemplos foi o engenheiro Louis Léger Vauthier (1815-1901), que possuía laços com o revolucionário Louis Auguste Blanqui e ajudou Antônio Pedro de Figueiredo, o *Cousin Fusco*, a fundar a revista O Progresso lançada por Antônio Pedro de Figueiredo “o grande divulgador e pregador das ideias generosas dos socialistas franceses anteriores a 1848” (Filho, 2003) e que influenciou na Revolução Praieira de 1848. Outro aspecto de suma importância, apontado por Santirocchi (2011), demonstra que no cerne dessas rebeliões estavam as ideias iluministas do final do século XVIII, não obstante, havia a grande participação de clérigos nesses movimentos. O autor identifica uma verdadeira tradição de religiosos ligados a revoltas como na Inconfidência Mineira (1789-1792), na Revolução Pernambucana (1817) e a Revolução Liberal (1842). Em uma reação à essa tendência, o Imperador alçou os ultramontanos nos principais postos eclesiásticos, em um esforço de afastar os padres tanto dos movimentos sediciosos quanto da política (Santirocchi, 2015). Os ultramontanos foram a corrente mais conservadora e reativa ao iluminismo, dessa forma, foram escolhidos em detrimento das tendências liberais e republicanas do clero (Santirocchi, 2015).

Dessa forma, é possível compreender que, desde o final da primeira metade do século XIX a tendência mais conservadora e mais alinhada com Roma estava no episcopado brasileiro e que a partir de 1866 teve em *O Apóstolo* o seu principal porta-voz. Segundo o jornal católico

ultramontano, em editorial do dia 1 de maio de 1870, no século XIX existiam “milhares de utopias cada quais mais monstruosa, atacar a autoridade pela *anarquia*, a família pelo *socialismo* e a propriedade pelo *comunismo*!”. Mas, essa não foi a primeira das 151 ocorrências da palavra *comunismo* no periódico que, mostrou ser, de longe, o mais preocupado com a questão no período. Em 2 de janeiro de 1870, o jornal noticiou o Congresso da Basileia promovido pela I Internacional, que "proclamou em uma das sessões o comunismo", citou o nome de Mikhail Bakunin, "um russo" que "propôs a abolição da propriedade individual" e adverte: "veremos agora como eles põem em prática estas teorias subversivas!"

Veremos, por outro lado, as matrizes desse anticomunismo católico ultramontano, sua fundamentação doutrinária e o contexto histórico, para compreender de que maneira esses dois fatores se articulam. Ainda que, como se viu, a preocupação de O Apóstolo com o comunismo seja anterior, o período compreendido entre o final de 1870 e o meio de 1871 pode ser considerado paradigmático. Ele abarca a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) que levou à queda do Segundo Império francês de Napoleão III, ou seja, a queda de um regime imperial que possuía como uma de suas bases a Igreja Católica e os ultramontanos, para uma Prússia majoritariamente protestante. Dos escombros da guerra, emergem os 72 dias de existência da Comuna de Paris, fato por vezes minimizado, mas de grande impacto na imprensa brasileira, sobretudo em O Apóstolo. Esses eventos provocaram a exacerbação da luta ultramontana contra as correntes laicas de pensamento e os ataques à maçonaria e, na mesma proporção, a maior frequência de ocorrência dos termos "*socialismo, comunismo e anarquismo*" nas páginas do periódico. No dia 25 de junho de 1871, O Apóstolo condena a Comuna de Paris como a síntese "de todas as teorias ímpias e desastrosas para a humanidade", essas "doutrinas perversas são a mais legítima consequência dos livros de Renan e de Proudhon", autores "que negaram a divindade de Jesus e proclamaram um roubo o direito de propriedade". Aqui é pertinente dedicar algumas para a análise dos trechos citados, a emergência do Estado ateu da Comuna é vista como a consequência lógica do abandono dos valores religiosos, fomentados por autores como Ernest Renan e Pierre-Joseph Proudhon. Entretanto, é preciso que se diga o seguinte: Renan, que havia publicado sua obra *Reforma Intelectual e Moral* em 1871, preconizava a restauração do antigo regime sob bases afastadas tanto dos valores religiosos quanto das tendências socialistas. Por outro lado, Proudhon, considerado o pai do anarquismo, visualizava uma sociedade mutualista, sem propriedade privada e lutava pela transformação radical da

sociedade. Esse é um primeiro elemento interessante de análise pois os inimigos da Igreja são homogêneos e suas contradições são anuladas.

No mesmo texto é possível ler uma exortação do jornal sobre os "homens que nos governam" para que "calem no espírito do povo contra os republicanos", pois "são eles os pais legítimos dos socialistas, dos comunistas, autores das desgraças que pesam sobre a humanidade". É pertinente atentar para o fato de que essa associação do republicanismo ao comunismo, pois em 3 de setembro de 1870 ocorre a fatídica publicação do *Manifesto Republicano*, considerado um marco do movimento no Brasil, liderado por intelectuais que já vinham se organizando no Rio de Janeiro desde 1868 e 1869. Costa (1999), evidencia que, de acordo com os agentes da época, "a República sempre foi uma aspiração nacional" e assim articularam-se criticando o Poder Moderador e suas arbitrariedades, fraudes e sua centralização. Mas para a compreensão da oposição católica ao republicanismo, ao socialismo, ao comunismo e ao liberalismo, é preciso examinar os fundamentos doutrinários e teóricos de seu pensamento, em especial aqueles que mais influenciaram os editores de *O Apóstolo*.

A Encíclica *Quanta Cura* de Pio IX (1792-1878), mas principalmente o seu anexo, o *Syllabus* é o fundamento doutrinário que norteia a reação do periódico católico contra as ideias modernas. A encíclica condena o "erro fatal do comunismo e do socialismo" que "com opiniões e maquinações tão ímpias, estes homens mais enganosos pretendem sobretudo eliminar da educação a doutrina salutar e a força da Igreja Católica" para que as "almas dos jovens sejam miseravelmente infectadas e depravadas por todo tipo de erros e vícios perniciosos". No que tange ao seu anexo, é muito fecundo a sua análise pois, a historiografia sobre o anticomunismo não costuma tratar dos outros documentos que são citados, apenas costuma-se afirmar que o *Syllabus* dos Erros condena todas as ideias modernas. De fato, menciona os erros: o "panteísmo, naturalismo e racionalismo absoluto"; o "racionalismo moderado"; o "indiferentismo, latitudinarismo"; os "erros sobre a Igreja e seus direitos"; os "erros que afetem a sociedade civil, considerados em si e nas suas relações com a Igreja"; os "erros relativos à moral natural e cristã"; os "erros sobre o casamento cristão"; os "erros relativos ao principado civil do Romano Pontífice"; e os "erros que remetem ao liberalismo de hoje".

Contudo, interessa-nos o capítulo IV do *Syllabus* "socialismo, comunismo, sociedades secretas, sociedades bíblicas, sociedades clericais-liberais", onde consta menções ao anexo *Qui pluribus* de 9 de novembro de 1846, à alocução *Quibus quantisque* de 20 de abril de 1849, à

encíclica *Nostis et Nobiscum* de 8 de dezembro de 1849, à alocução *Singulari quadam* de 9 de dezembro de 1854 e à epístola *Quanto conficiamur* de 10 de agosto de 1863.

A Encíclica *Qui Pluribus*, do primeiro ano de pontificado de Pio IX (1846) diz

neste ponto, a nefasta doutrina do comunismo, como se costuma dizer, mais avessa à própria lei natural; uma vez admitida, os direitos de todas as coisas, das coisas, das propriedades, até mesmo da própria sociedade humana, seriam perturbados de baixo para cima.

Já, na alocução *Quibus quantisque*:

O que, além de inúmeros e gravíssimos outros argumentos, mostra cada vez mais que as exigências das novas instituições e o progresso tão pregado por tais homens visam apenas manter as agitações sempre vivas, eliminar todo princípio de justiça, virtude, honestidade, de religião; e apresentar, O socialismo, ou mesmo o comunismo, principalmente contrário à lei e à própria razão natural.

Na encíclica *Nostis et Nobiscum*, existe uma formulação mais elaborada de condenação do comunismo, que arquitetos de maquinações infames estariam promovendo a “subversão de toda a ordem das coisas humanas” e menciona “os sistemas odiosos do novo socialismo e comunismo”.

E quanto a esses sistemas e doutrinas corruptas, já é do conhecimento de todos que eles, abusando dos nomes de liberdade e igualdade, tentam insinuar os princípios mortíferos do socialismo e do comunismo no vulgo. É também evidente que os mesmos mestres do comunismo e do socialismo, embora atuem de maneiras e com métodos diversos, acabam por ter esse propósito comum de fazer com que os trabalhadores e outros homens de condição inferior, enganados por suas mentiras e iludidos pela promessa de uma vida mais confortável, se agitem em contínua turbulência e pouco a pouco aos poucos se treinam para crimes mais graves.

E, em tom de denúncia, como se as ideias subversivas estivessem tomando conta dos fiéis,

Se os mesmos fiéis, desprezando as advertências paternas de seus Pastores e os já mencionados mandamentos da Lei Cristã, se deixaram enganar pelos já mencionados promotores das conspirações de hoje e decidiram conspirar com eles nos perversos sistemas do Socialismo e do Comunismo, saibam e considerem seriamente que assim acumulam para si, com o Juiz Divino, uma infinidade de vinganças para o dia da ira;

E, por fim, sobre o processo de confisco dos bens da Igreja que acontecia em diferentes países do mundo,

alertam também para as frequentes usurpações, saques e vendas públicas de bens temporais pertencentes à Igreja por direito legítimo, que muitos, uma vez diminuída nos povos a reverência às propriedades consagradas para fins

religiosos, poderiam ouvir mais facilmente os mais ousados defensores do novo socialismo e comunismo, que imaginam que podem ocupar, dividir ou de outra forma converter em uso de todas as propriedades dos outros.

Dos documentos citados na *Syllabus*, esses são aqueles que mencionam os termos socialismo e/ou comunismo e isso dá um indicativo de quantidade e da qualidade da abordagem católica a respeito da questão. Por outro lado, alguns autores também vão ser fundamentais pois vão prover os católicos de uma teologia anti-iluminista e que vão permear os editoriais de *O Apóstolo*.

Ramiro Junior (2016) afirma que autores como Joseph de Maistre (1753-1821), Visconde de Bonald (1754-1840), Donoso Cortés (1809-1853) e Jaime Balmes (1810-1848) eram influências do ultramontanismo no Brasil. Silva e Carvalho (2018, p. 22-32), tratando exclusivamente de *O Apóstolo*, elencam os autores do chamado "tradicionalismo católico francês", "tratam-se de uma referência constante (...) especialmente, os escritos de Félicité de Lamennais, de Bonald, e de Joseph de Maistre", sendo esse último, o mais citado. E também consideramos, neste trabalho, Jean-Joseph Gaume (1820-1870), autor do livro *Catecismo do Syllabus* (1867) que foi publicado integralmente pelo periódico, além de outros textos. Para uma avaliação quantitativa: o *Syllabus* possui 460 ocorrências na ferramenta de pesquisa da Hemeroteca Digital da Biblioteca Digital; Maistre 103 ocorrências; Lamennais (1782-1854) é tratado como "o infeliz Lamennais" por Dom Antônio de Macedo Costa (1830-1891) em 13 de julho de 1873, na primeira página de *O Apóstolo* em matéria assinada e intitulada "Instrução Pastoral Sobre a Maçonaria". Não se trata de um autor incontestado e também nem tão frequente. Quantitativamente, as ocorrências consultadas pelo mecanismo de busca da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional indicam: Lamennais/ Lammennais (sic)/ Lammenais (sic), 23 ocorrências; de Bonald 44 ocorrências; Cortes 37 ocorrências; Balmes 273 ocorrências.

Em termos qualitativos, esses autores proporcionaram elementos para a crítica das ideias originárias da Revolução Francesa de 1789, um exemplo notório é Maistre que foi profundamente influenciado pelo pensamento de Edmund Burke. Tornando-se, segundo Gileno e Medeiros (2021) o principal expoente do ultramontanismo. Sua obra *Du Pape* (1819) definiu os fundamentos ultramontanos. Seu pensamento era marcado profundamente pelo rechaço à modernidade e pela posição contrarrevolucionária, um de seus grandes esforços intelectuais foi pelo combate ao galicanismo francês e a defesa da centralidade doutrinária e política na figura papal. Compreendia que o papa era um ponto de equilíbrio e mediação dos conflitos entre as nações europeias. Seu pensamento, como afirma Saes (2008) é fascinante, pois o autor "sustenta

suas crenças à um racionalismo quase paradoxal", pois "colocava-se em radical oposição às concepções racionalistas de seu tempo". Motta (2001) afirma que Maistre vivenciou e foi vítima da Revolução Francesa, sendo obrigado a exilar-se. Dessa forma, tornou-se um “apaixonado e implacável crítico da revolução, devotando sua inteligência e sua eloquência literária a combater o que considerava um evento maligno” (Motta, 2001). Portanto, é possível sintetizar o pensamento maistreano possui os seguintes aspectos centrais: o repúdio às ideias e movimentos que derivaram da Revolução Francesa e a concepção de que a Igreja era o modelo ideal de sociedade, sendo o Papa a figura que “governa, julga e ensina” (Gileno; Medeiros, 2021), urge ressaltar que se trata de uma simplificação que não dá conta de abarcar a complexidade de suas proposições, entretanto são elementos fundamentais para nosso estudo.

Os autores mencionados compartilham um verdadeiro *ethos* de rejeição à uma revolução compreendida por eles como maligna, obra de indivíduos e ideias que propunham o fim da Igreja. Juan Donoso Cortés (2014), por exemplo, dedicou um ensaio ao catolicismo, o liberalismo e o socialismo, esse último é "forte porque é uma teologia satânica", outros como de Bonald (1988) advogavam uma concepção única entre poder, religião e Estado. Ou, por exemplo, Gaume (1878, p. 18), em seu *Catecismo do Syllabus*, obra publicada na íntegra em O Apóstolo, "o comunismo é a prática do socialismo", "o socialismo estabelecendo a igualdade universal, conduz a comunidade e, por conseguinte, à participação igual de todos os bens". O comunismo "suprime toda a propriedade, anula a família e destrói toda a hierarquia social", "é a utopia mais impura, mais absurda e de mais impossível realização".

É importante mencionar que em 1789 havia “uma facção da classe média liberal [que] estava pronta a continuar revolucionária até o, e mesmo além do, limiar da revolução antiburguesa” (Hobsbawm, 2020). Essa corrente desaguou na Conspiração dos Iguais de 1796, o primeiro movimento comunista moderno liderado por Gracchus Babeuf (1760-1797) e que inspirou o maior revolucionário do século XIX, Louis Auguste Blanqui (1805-1881) o teórico da ditadura do proletariado. É pertinente estabelecer esses paralelos, pois a Revolução Francesa é entendida pelos ultramontanos como o “ancestral” comum das ideias subversivas e, nesse sentido, não há diferenças entre o liberalismo, o republicanismo e o comunismo. Elucidadas essas questões vamos ao exame do anticomunismo católico de *O Apóstolo*.

No ano de 1871, a Comuna de Paris ganhou ampla cobertura do jornal católico brasileiro sendo o periódico que mais tratou do tema na imprensa brasileira. Teixeira (2021), tratou especificamente da repercussão comunarda no periódico, em sua cobertura

é possível identificar um padrão — a Comuna como a encarnação do mal —, “do ateísmo puro”. Toda e qualquer tentativa de laicização do Estado, de separação entre o Estado e a Igreja incorreria ao ápice do maligno. Ou a cristandade pura ou o ateísmo maligno do comunismo parisiense, sem meios termos. Outro aspecto pertinente de salientar é o embate no campo da moral e dos costumes, a oposição entre a “verdade e a virtude” e o “erro e o vício”.

O impacto foi tal que o periódico alertava a sociedade sobre uma marcha do país rumo ao comunismo de Paris.

Urge contextualizar que a década de 1870 é atravessada por uma crise entre o Estado e a Igreja, a Questão Religiosa, fenômeno que vai eclodir em praticamente todos os países onde catolicismo era a religião oficial. Pois, as orientações de Roma e a consagração da infalibilidade papal após o Concílio Vaticano I (1869-1870), fizeram com que os católicos agissem contrariamente aos Estados. Gerando crises diplomáticas, trazendo para a centralidade uma tensão entre religião e soberania nacional, produzindo movimentos que buscavam, por um lado, a “nacionalização” das igrejas, o regalismo é um exemplo disso e, por outro lado, aqueles que advogavam a “romanização”, ou, uma Igreja independente política e doutrinariamente, alinhada automaticamente com Roma, porém próxima às instâncias de decisão dos Estados. Nesse contexto, surge no Brasil a chamada Geração 1870, que visava interpretar e transformar o país e um dos elementos chave, além das influências intelectuais que eram todas laicas, racionalistas, cientificistas, materialistas e até mesmo ateias, é vista como uma ameaça à Igreja. O surgimento de uma breve República na Espanha (1873) e o processo de laicização das instâncias estatais, como a reivindicação pelo casamento civil e ensino laico, eram vistos pelos católicos como o abandono dos valores religiosos. Esse abandono levaria a um só caminho: o comunismo.

Tamanha era a preocupação de O Apóstolo com o comunismo que, em 1872, um de seus redatores, Dr. Antonio Secioso Moreira de Sá (1833-1910), publicou pela Tipografia do jornal uma obra inteira dedicada ao assunto. no dia 29 de setembro de 1872, na edição de número 39 a seção Anúncios é inteiramente dedicada à sua nova publicação: *O Zuavo da Liberdade: Grito do Zuavo: Alto lá! Camaradas. Ou bem papistas; ou então comunistas*. No plano da obra constava a análise do "campo comunista", "o princípio comunista", a "história do comunismo", "a origem do comunismo", "as aspirações da Internacional" e os "Meios terríveis à disposição da Internacional". Basicamente, Secioso coloca a sociedade em uma encruzilhada, de um lado, o papismo, de outro, o comunismo. Ademais, de afirmar, em 17 de março de 1872, que o

comunismo era o sucessor natural do liberalismo, ideia que vai estar presente em diferentes textos publicados pelo jornal.

O ano de 1873 é um dos poucos períodos em que não consta ocorrência do termo comunismo, entretanto, nos anos seguintes a palavra-chave volta a ser frequente nas páginas católicas. No dia 3 de novembro de 1874, O Apóstolo, na seção Imprensa Católica, afirma em matéria intitulada "O foco das modernas agitações comunistas" diz que repercutiu na imprensa católica italiana, em "uma série de artigos de alto interesse de uma doutrina profunda e de uma lógica irrefutável, tratou da questão que preocupa hoje todos os espíritos: a invasão do comunismo". Em 22 de agosto de 1875, os termos socialismo e comunismo apareceram na capa do periódico, em uma crítica a Ganganelli¹. O texto, assinado por R., é uma condenação ao casamento civil e diz que "o poder absoluto do Estado, ou seja, o socialismo e o comunismo, porque o Estado não pode negar a personalidade do indivíduo". Em 25 de janeiro de 1876, o ano com maiores ocorrências do termo (21), em sua seção de notícias diz que "da falta do muito respeito dos cidadãos aos direitos de cada um, nasce necessariamente o comunismo, e o comunismo é a morte da civilização, a morte dos povos". Em 18 de fevereiro de 1877, na Seção Religiosa, em artigo de título "Ou o Papado ou a comuna", assinado pelo padre Chrispim Caetano Ferreira Tavares, faz críticas ao periódico português Gazeta do Porto. Diz-nos que "ela não defende abertamente o comunismo", mas suas preferências por Lutero e "a estima que faz de Proudhon", para os ultramontanos, era a prova de, pelo menos simpatias. No texto, discorre sobre as ideias de Proudhon, segundo o padre "o seu arrazoado pode reduzir-se a esta fórmula: 'ou católico ou comunista'". E dessa forma, desenvolve essa ideia binária entre o comunismo *versus* a religião para concluir: "ou o papado com todos os benefícios do passado e com todas as belezas e risonhas esperanças do futuro; ou a comuna com todos os seus horrores".

Em 23 de janeiro de 1878, na primeira página, na principal seção do periódico, o título "o liberalismo e seus frutos", além de condenar o liberalismo, adverte sobre os exemplos vindos do outro lado do Atlântico. E, nesse sentido, diz

a Europa o tem mostrado e esse vulcão que tem debaixo dos pés, cuja erupção mais cedo do que se pensa se há de realizar, mostrará o que são e para que serve a revolução, que outra coisa senão a consequência necessária das aberrações sociais, quer se figurem como comunismo, radicalismo, positivismo, etc.

¹ Pseudônimo de Joaquim Saldanha Marinho (1816-1895).

Mais uma vez ganhando destaque na primeira página, em 19 de janeiro de 1879, na seção *O Apóstolo*, o periódico defende a Igreja e denuncia o mal do século.

Não falta quem sustente que a Igreja (ultramontanismo) e o socialismo são os inimigos das ideias modernas e se propõe assolar o mundo, quando o maior inimigo da sociedade moderna é a revolução, mãe do socialismo, do comunismo e de todos esses ismos, que nos atormentam.

No dia 23 de julho de 1880, na seção exterior, divulgando uma carta recebida de Roma, datada de 29 de abril do mesmo ano, não há a informação do autor do texto. Porém, exorta os católicos da seguinte maneira, "precisamos mostrar-nos vivos e ativos, para impedir o triunfo do socialismo, do comunismo, do niilismo e de todas as outras formas que toma a revolução social". A 18 de maio de 1881, na capa do jornal, na principal seção, *O Apóstolo*, os católicos denunciam que "a Alemanha [foi] assaltada pelos *socialistas*; a Rússia, pelos *niilistas*; a Itália, pelo *vandalismo*; e a França, pelo *comunismo*; todas uma a uma, virão pedir o auxílio da Igreja, porque só dela podem partir os verdadeiros princípios regeneradores". No ano de 1882, dia 12 de fevereiro, na seção *O Apóstolo*, os ultramontanos comentam sobre a primeira encíclica de Leão XIII e sua disposição de seguir a luta iniciada por Pio IX. Segundo os católicos brasileiros, "a Alemanha [estava] assolada pelo socialismo e pelo comunismo".

Em 7 de março de 1883, na seção *O Apóstolo*, em artigo com título "Naufrágio social" há questões muito interessantes sendo levantadas e logo na primeira página. O jornal menciona os "acontecimentos de 1789 e 1793" e afirma que "todo pensador sabe que esse período é o centro de onde se irradiam todas as calamidades atuais". E, na atualidade, vê-se "a hodierna rebelião, que convulsiona e agita a sociedade europeia", essa "rebelião disciplinada e ameaçadora, chamada socialismo". O socialismo, para o autor ultramontano, é uma "hidra moderna, que prega às escancaras a anarquia democrática; que açula o proletário à liquidação do capital; que incita o obreiro à greve e ao comunismo". Por fim, "a negação de Deus! - eis aí o monstro - o socialismo!"

A 7 de maio de 1884, na seção *A pedidos*, *Aos deputados*, há a menção ao *Syllabus* e às proposições de Pio IX sobre a questão do casamento civil. Os ultramontanos, ferrenhos opositores, dizem que "a propagação do casamento civil se deve em grande parte à incredulidade, comunismo e socialismo". Na Seção Noticiosa do dia 24 de junho de 1885, há uma "Definição do comunismo" e é pertinente aqui repercutir na íntegra:

Em um periódico encontramos a seguinte definição prática do comunismo, dado por um trabalhador de bom senso (...)

'Dias atrás, diz o periódico citado, um trabalhador cercado de companheiros, falava contra o comunismo.

Tu falas contra o comunismo, interrompeu um dos ouvintes, porém sabes o que ele é?

O trabalhador interpelado nada disse naquele momento, porém ao cabo de alguns instantes tomou uma blusa, rasgou-a em quatro e oito pedaços, etc., e deu um pedaço a cada um dos companheiros.

O comunismo, amigos meus, é o que acabais de ver; tem por objeto fazer de um todo, útil para alguém, um montão de pedaços pequenos que para ninguém, nem para nada serve.

Na seção Transcrição, em 25 de março de 1887, "S. José no século XIX", lê-se que

estamos no século XIX, o século das luzes, do progresso, das grandes descobertas; o século do telégrafo, do telefone, do vapor; as sociedades secretas intentam apoderar-se da sociedade, para entregá-las nas mãos de seus medonhos filhos, o socialismo e o comunismo.

Em 1888, na única menção ao termo comunismo, o jornal associa-o aos imigrantes, supostamente imigrantes franceses e alemães estariam trazendo ideias perniciosas para o país.

Em 15 de fevereiro de 1889, no ano do Golpe Republicano, na seção *A Pedidos*, foi publicada a continuação de um texto, de título *A Transformação*, não assinado. O autor afirma que

neste excelente período torna bem patente o próximo parentesco que une o republicanismo ao comunismo e niilismo e a tudo que acaba em ismo; haja vista a Rússia, a França, o México, etc., onde a anarquia fez correr pela terra o sangue real!

Conclusão

É vidente que o período compreendido entre 1870 até 1889 acompanha conjunturas distintas, porém, o comunismo mostrou-se uma preocupação de O Apóstolo. Ao contrário do que a historiografia considera, os temores do comunismo não se materializaram após a Revolução de 1917 no Brasil, mas após a Comuna de Paris em 1871. O que confirma a hipótese defendida por Malatian (2003, p. 175) do “anticomunismo como um componente da política que tem raízes anteriores a este evento, e solidamente enraizado na cultura política ocidental derivada do catolicismo antiliberal do século XIX”. O exame mais detido da Quanta Cura e da

Syllabus e os outros documentos papais citados nessas fontes possibilitaram identificar que durante o papado de Pio IX, sua preocupação com as ideias revolucionárias. O fato do periódico ser doutrinário e buscar agir concretamente na sociedade, mobilizar fiéis e sobretudo orientar os padres, abre um campo de hipóteses ao historiador. Se, como defende Carla Silva, falar é agir, podemos concluir que os católicos ultramontanos efetivamente agiram contra o comunismo.

O fato de não levar em consideração a conjuntura dos oitocentos e a disputa pela modernidade que se abriu nas décadas finais do Império, pode levar o historiador a inferir que o anticomunismo surgiu espontaneamente. Ou, que o fenômeno surgiu por mobilizações externas, com importações de um aparato ideológico estrangeiro para fundamentar um anticomunismo adequado ao solo brasileiro. Bem como, entender que tal movimento é uma reverberação das oscilações políticas do Ocidente, porém, compreendê-lo em uma temporalidade maior, abre espaço para interpretar que havia já uma sólida tradição de rechaço ao comunismo.

A influência dos autores conservadores do século XIX, que se opuseram à Revolução Francesa e a condenação de todo seu legado permitiu que os ultramontanos brasileiros, apoiados nesse raciocínio e nos documentos papais, se colocassem contra a modernidade como um todo. Isso é um fato que possui desdobramentos no futuro, pois as ideias renovadoras, laicas, democráticas, são combatidas e associadas ao comunismo. Assim o foi com as ideias da Geração 1870 e todo o processo de construção da modernidade no Brasil, que O Apóstolo taxou, arbitrariamente, de comunismo. O debate historiográfico sobre esse fenômeno não pode restringir-se a um raciocínio de causa e consequência, isto é, pensar os momentos em que “existia” o comunismo, “existia” seu antônimo. A pesquisa na fonte demonstra um debate que precede o fim da escravidão, a existência de um partido revolucionário, de uma classe revolucionária e, até mesmo, a existência da União Soviética.

Desconsiderar a relevância da I Internacional e o impacto da Comuna de Paris no pensamento conservador Ocidental leva-nos a não observar com atenção os impactos desses eventos no país. Chegavam ao país notícias sobre os congressos da Internacional, a Comuna ganhou espaço na imprensa, circulavam nomes como o de Proudhon e suas ideias. Evidentemente, não se pode equiparar qualitativamente o anticomunismo católico no século XIX com as conjunturas dos anos 1930, 1950 e 1960, porém, mais do que rupturas, há continuidade. O Centro Dom Vital, um dos centros de disseminação do anticomunismo e que

cumpriu papel fundamental no Golpe de 1964 é uma homenagem a um bispo ultramontano e o nome de Pio IX reverbera até a contemporaneidade como sinônimo de um bom papa.

Portanto, o presente artigo teve o intuito de refletir e propor a ampliação do marco temporal para o anticomunismo católico no Brasil. Compreendendo que as ondas anticomunistas são originadas na segunda metade do século XIX, nas décadas finais do Império, consolidando uma verdadeira tradição política que foi impulsionada durante o século posterior.

Referências:

ALONSO, Angela. Crítica e Contestação: o movimento reformista da geração 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 44, out. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092000000300002. Acesso em: 9 maio 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRITO, Angélica. “**A cruz vencerá o comunismo**”: o discurso anticomunista do Jornal Folha do Norte do Paraná (1962-1965). 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, maringá, 2015.

CAVALCANTE NETO, F. T. **A ameaça vermelha**: o imaginário anticomunista na Paraíba (1917-1937) - Recife, 2013. 274f. Tese (doutorado) - CFCH, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco.

DA SILVA, A. R. C.; CARVALHO, T. DA R. A Cruzada ultramontana contra os erros da modernidade. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 12, n. 35, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/45883/751375148315>. Acesso em: 13/06/2022.

DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. São Paulo: Contexto, 2017.

GAUME, Jean-Joseph. **Catecismo del Syllabus**. F. Ferro. Bogotá: 1878.

GILENO, C.; MEDEIROS, R. D. de. Do império à república: a influência do ultramontanismo de Joseph de Maistre no pensamento conservador católico brasileiro. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 26, n. 51, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/15182>. Acesso em: 12 jul. 2022.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 10., 3 a 5 jun. 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: ALCAR, 2015, s.p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10oencontro2015/gt-historiadamidiaimpressa/ojornalimpressocomofontedepesquisadelineamentosmetodologicos/vieu>. Acesso em: 9 mai. 2021

LIMEIRA, Aline de Moraes. Jornal O Apóstolo (1866 – 1893): ações católicas na imprensa e na educação. **Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, novembro 2011. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/documentos/jornalapostolo18661893acoescatolicasimprensa-educacao>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LISSAGARAY, Prosper-Olivier. **História da Comuna de 1871**. 2. ed. São Paulo: Ensaio, 1991.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 5, p. 111-155.

MALATIAN, Teresa. O “perigo vermelho” e o catolicismo no Brasil. In: MALATIAN, Teresa; LEME, Marisa Saenz; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). **As múltiplas dimensões da política e da narrativa**. Franca: UNESP, 2003. p. 181.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania R. de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOLLIER, Jean Yves. Os usos dos impressos na América Latina e na Europa: circulações e transferências culturais. In: SCHAPOCHNIK, Nelson; VENANCIO, Giselle (orgs). **Escrita, edição e leitura na América Latina**. Niterói: PPGHistória-UFF, 2016.

MORAES, João Quartim de; FILHO, Daniel Aarão Reis. **História do Marxismo no Brasil: O Impacto das Revoluções**. 1 v. 2. ed. rev. São Paulo: UNICAMP, 2003.

MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. 315 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MOTTA, R. P. S. Paradoxos do pensamento contra-revolucionário: Joseph de Maistre. **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20547>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PINHEIRO, Alceste. O Apóstolo, ano I: a autocompreensão de um jornal católico do século XIX. **XIV Congresso da Intercom**. Rio de Janeiro, p. 1-12, 2009.

Ramiro Junior, L. C. O conceito de civilização e o discurso ultramontano no Brasil. **Ariadna Histórica: Lenguajes, conceptos, metáforas**. n. 5, p. 69–107. 2016. Disponível em: <https://ojs.ehu.es/index.php/Ariadna/article/view/16034>. Acesso em: 13 jun. 2022.

RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal O Apóstolo (1929-1959). **Revista Espaço Plural**: Mal. Cândido Rondon, ano XII, v. 12, n. 24, p. 96-106, 1º semestre 2011. Disponível em:

<http://erevista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/7240>. Acesso em: 15 nov. 2020.

RODEGHERO, Carla Simone. **Memórias e avaliações**: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964. 2002. 447 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SAES, de Laurent. Joseph de Maistre e suas considerações sobre a França revolucionária. **Revista Territórios e Fronteiras**, v.1, n.1, jan./jun, 2008. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosedefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SANTIROCCHI, Ítalo D. Afastemos o Padre da Política! A despolitização do clero brasileiro durante o Segundo Império. **Mneme**: Revista de Humanidades, [S. l.], v. 12, n. 29, 2011.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1015>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SANTIROCCHI, Ítalo D. **Questão de Consciência**: os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). Fino Traço: Belo Horizonte, 2015.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades**, Belo Horizonte, UFMG, v.2, p. 24 - 33, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5387>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

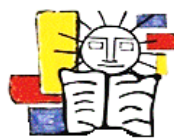
TEIXEIRA, João Vitor de Armas. **“Doutrinas Perversas”**: História e historiografia da Comuna de Paris e sua repercussão no Brasil a partir do periódico O Apóstolo (1871) - Pelotas, 2021. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. **História e Historiografia**, São Paulo, v. 4, p. 89-102, jan./dez. 1985.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410/8995>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Recebido em: 17/08/2022

Aceito em: 27/09/2022



RLAH

Agosto/Dezembro de 2022